

DISTINÇÃO PARA JOSÉ CARDOSO PIRES

«O DELFIM» CLASSIFICADO COMO UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO EM FRANÇA

A versão francesa de «O Delfim», de José Cardoso Pires, foi classificada pelo suplemento literário de «Le Monde» como um dos treze melhores romances estrangeiros traduzidos este ano em França. Na lista, elaborada com um critério de selecção extremamente rigoroso, figuram obras de Jorge Luís Borges («Evaristo Carriego»), Italo Calvino («Tempo Zero»), Ernesto Hemingway («By-Line»), Norman Mailer («The Armies of the Night») e Graham Greene («Travels with my Aunt»).

Último livro em data do nosso distinto colaborador, «O Delfim», tem sido sucessivamente reeditado entre nós, constituindo, sem a mínima reticência, uma das obras da moderna ficção portuguesa realmente mais lidas, discutidas e analisadas em letra de fôrma. Ao promover a sua tradução para francês a casa Gallimard (que ali revelou José Cardoso Pires com a versão de «O Hóspede de Job») assegurou-lhe de imediato uma projecção excepcional, que os repetidos elogios da crítica mais avolumam.

Um dos melhores também para «La Quinzaine»

Aliás José Cardoso Pires não logrou apenas esta tradução: contratado como autor Gallimard — o que é uma distinção inédita para a nossa literatura —, outros volumes seus aparecerão em francês.

Também para «La Quinzai-

ne Littéraire» o último romance de José Cardoso Pires está entre as melhores obras estrangeiras que os franceses conheceram em 1969-1970.

Note-se a propósito que na lista de «La Quinzaine», não aparecem Hemingway, Calvino, Mailer e Greene. Em contrapartida surgem Julio Cortázar, Guillermo Cabrera Infante e Mario Vargas Llosa, três sul-americanos que já não são descoberta para o público leitor francês e outros nomes de primeira água: John Barth, Yasunari Kawabata, Phillip Roth.

Numa das suas últimas edições igualmente o semanário «L'Express», pela pena de Claude Mettra, se debruça sobre «O Delfim».

São dois terços de página (com uma fotografia de Jerry Bauer, correspondente da revista em Londres) de minuciosa análise, a que não falta uma tentativa de definição da singular arquitectura novelística de «O Delfim». Para Mettra há como que «escritas sucessivas, inquéritos, monólogos, diálogos, diário, graças aos quais o romancista espera acossar a paisagem obscura para despojá-la dos seus sortilégios».

«Como Robert Pinget ou Claude Simon» — acrescenta o crítico de «L'Express» —, «errando no tempo para desviar os rostos humildes, José Cardoso Pires esforça-se por delimitar as fronteiras duma existência que poderíamos nomear e descrever porque ela obdeceria á sua própria exigência. (...)»

«A realidade porém está ausente, os homens e as mulheres desaparecem sob máscaras indecifráveis, a terra é como o céu, uma superfície plana que deforma os sonhos de cada um; os acontecimentos, todas as coisas da vida onde se escondem os jogos do desejo, do orgulho e da morte, são apenas sinais, marcas, insignificantes na sua opacidade e que desenham na indiferença o ritmo dos dias e das estações».

«Finalmente, para o poeta Marc Alyn (in «Le Figaro

Littéraire») o autor português «usa com mestria e naturalidade (...), entre Stendhal e o *nouveau roman*, as oposições de estilo mais vinculadas para tornar sensível a divisão das suas personagens» acrescentando que «O Delfim» confirma a promessa de «O Hóspede de Job», «romance a todos os títulos notável».